

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

Malvina do Beco | (Parte 4)

JOSÉ DE PAIVA REBOUÇAS

é escritor e jornalista

josedepaivareboucas@gmail.com



A segunda morte pública de Malvina aconteceu justamente quando alguém lhe deu atenção.

Seu corpo encarquilhado sobre a maca causava repulsa. Foi preciso abrir sua blusa, expondo uma combinação creme enxovalhada de onde dava para ver sua anatomia cadavérica.

O médico tinha dificuldade de encaixar os eletrodos do desfibrilador em sua parede torácica. A enfermeira aumentou a graduação das descargas elétricas a cada insucesso do aparelho.

Estava morta, alguém diria em seguida.

— E o pulso?

— Sem pulso.

Mas o médico insistia:

— Reaja!

A palavra era seguida por um estalo monofásico.

Não houve reação nos minutos seguintes.

O jovem médico passava a mão na cabeça. Ia até o telefone, iniciava uma ligação, mas desistia em seguida. Tentava manter a calma para não demonstrar sua inexperiência e afastava-se da maca, temendo perder a paciente a poucos minutos de sair do trabalho.

— Isso dá azar — murmurou. O dia tinha começado muito bem para terminar com uma morte.

Uma jovem, que se dizia namorada dele, o esperava na praça. Tinha atendido cinco vezes mais do que as vinte fichas programadas para o seu plantão. Tudo tranquilo, porém estava exausto e com fome. Uma última paciente aguardava atendimento, depois dela poderia sossegar.

No começo da tarde, quando Malvina se dirigiu ao hospital-maternidade para tentar uma

consulta depois de três meses sem aparecer, foi avisada de uma mudança na escala de plantão:

— A prefeitura contratou um pneumologista para atender casos como o seu. A senhora terá de esperar no final da fila — explicaram a ela na recepção.

Já eram quase 18h, quando, de longe, uma auxiliar de enfermagem acenou para o escuro. Malvina mergulhou na luminosidade amarelada do poste, atravessou o calçamento e desfilou lento, enquanto subia a rampa da unidade hospitalar.

A porta estava aberta para o corredor vazio. Havia um clima de pressa. Sua consulta indicava o encerramento do expediente do setor ambulatorial.

A segunda sala da direita era a única com iluminação. Lá na frente, uma porta branca de madeira separava os setores do hospital e da maternidade. Olhava com atenção para aquele silêncio, mas não lhe ocorria nenhuma lembrança.

— Dona Nonata? — Uma voz grave e mansa pousou em seus ouvidos. Ninguém, além de sua mãe de criação, a chamou antes pelo nome de batismo.

Virou-se para a direita e caiu no precipício azul dos olhos do pneumologista. Um déjà-vu trouxe-lhe à memória uma recordação perdida no vão do tempo.

— ... Já!...

— ... Aja!...

— Reaja!...

Foi o que ela ouviu depois. E, voltando do mergulho da morte, respirou numa agonia duradoura. A equipe vibrou aliviada. Malvina sentiu-se parte da comemoração e sorriu também.

Naquela noite, a enfermeira teve de ficar em observação. Foi levada para um leito e adormeceu, assim que lhe deram de jan-



tar uma sopa sem sabor. De madrugada, acordou assustada com um gemido de morte. Sempre teve pouca consciência, mas sabia da morte e a temia com intimidade.

Levantou a cabeça tentando ver ao seu redor. A penumbra do quarto, iluminado apenas por uma fluorescente dando curto-circuito, não lhe dava muita visão. Uma fileira de camas vazias foi o que se pode ver. Tentou pensar em alguma coisa, no entanto os pensamentos sempre lhe fugiam. Esforçou-se um pouco mais, até que se acostumou com as lamentações e voltou a dormir.

Bruscamente, arregalou-se. Desta vez, um ronco assustador lhe acendeu os sentidos. De um só esforço, arrancou-se da cama afas-

tando os lençóis. Sentiu aceleração no peito e ficou meio tonta. Recuou num espanto e se equilibrou no colchão. Próximo à porta, em uma das camas perdidas na penumbra, um corpo afundado no travesseiro agonizava a lamúria do esquecimento. Sua aparência cadavérica parecia-lhe um espelho.

Malvina aproximou-se lenta, certificou-se de que o moribundo estava inconsciente, abaixou a cabeça e deixou o ouvido direito descer até os sussurros. Quase tocando os lábios do outro, ouviu qualquer coisa, como “água”. Um cheiro forte de fome e álcool pin-tou-lhe a cara. Recuou o corpo e saiu cambaleando em busca de alguém. O corredor estava vazio

e uma única luz se acendia sobre um bebedouro.

Trouxe um copo descartável transbordando. Despejou a água na boca do doente embicadas. Sua sede era incurável, mas os movimentos do copo o fizeram aliviar as dores da abstinência. Respirou profundo querendo chorar. Agarrou no braço de Malvina com força e cuspiu-lhe toda.

— Eu te amo! — sussurrou de um só fôlego e, então, desmaiou, diminuído pela angústia do gole. Surpreendida, Malvina deixou-se invadir por um sentimento incomum a ela. Viu-se forte e com direito a um desdém. Assim que deixou o moribundo e voltou para a cama na sua distância indisponível para o galanteio.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685